

DOM BOSCO, O MENSAGEIRO DA ESPERANÇA

Arita Damasceno PETTENÁ

Quando nos deparamos, no dia-a-dia das notícias, com a violência que vai se institucionalizando em cada canto do universo, personagens como Dom Bosco, o pai e mestre dos jovens, vão se tornando paradigmas de vida dentro de um mundo hostil e cheio de conflitos. Houvesse mais mensageiros da esperança disseminando suas idéias, alicerçando seus ideais no campo sempre esquecido dos excluídos, quem sabe não teríamos uma humanidade mais estruturada nos princípios da fé, uma sociedade mais consentânea com a racionalidade de seus atos.

A imprensa falada e escrita esmera-se em informar tudo que lá fora rola. E muito do que denuncia transforma em campanhas educativas de como lutar por segurança, como defender nossos direitos, como evitar riscos a que sempre estamos expostos no vaivém de uma rotina que não muda. No entanto, pouquíssimas são as vezes em que se detém sobre um vulto histórico, sobre a vivência de uma alma santa, sobre a existência de um cidadão comum. A televisão, salvo raríssimas exceções, é uma verdadeira escola do crime e do erotismo. E é diante de suas imagens que se postam nossas crianças indefesas, nosso jovens despreparados para assistir tantas cenas de terror e banditismo. Apesar da distância que nos cerca dos dias de hoje à época em que viveu Dom Bosco, salutar se faz que a juventude conheça um pouco mais sobre a vida desse santo que, em sendo um menino de apenas 11 anos, órfão de pai, haveria de começar como empregadinho de estábulo, dormir num pequenino quarto na casa do patrão porque se lhe era impossível conviver com a violência

do irmão mais velho, até se tornar o fundador de inúmeros colégios salesianos, pela devoção que tinha em São Francisco de Salles.

Nascido aos 16 de agosto de 1815, teve em sua mãe, Margarida, uma simples camponesa analfabeta, a mulher que tinha sempre as mãos calejadas pelo trabalho, mas que sabia acariciar, no momento exato, a cabecinha de seus filhos. Dela herdou o equilíbrio, a vontade férrea de vencer, a fé inabalável em Deus, mesmo nos instantes mais sofridos de suas existências. Afinal, “Ele” sabia por quê. Nas crianças nunca via Dom Bosco traços de tristeza e muito menos de agressividade. Sua paixão eram os passarinhos. Ensina-os a assobiar. E um dia, ele, que foi o fundador da Sociedade da Alegria, quase morre de tristeza quando um gato, arrombando a gaiola do cancionero, comeu seu melro que o saudava diariamente com seu silvo modulado.

Mas o que mais nos extasia, em memórias narradas pelo grande visionário, são seus sonhos. E é João Bosco mesmo que nos conta ter tido um sonho aos 9 anos que haveria de ficar profundamente – e para sempre – gravado em sua memória. “Numa área bastante espaçosa brincava uma multidão de meninos. Alguns riam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, lancei-me imediatamente no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.” E ele conclui: “Nesse momento apareceu um Homem venerando, nobremente vestido. Seu rosto era tão luminoso que eu não conseguia fixá-lo. Chamou-me pelo nome e disse: “Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade é que deverá ganhar esse amigo.” Contou o sonho aos seus que, paulatinamente, foram dando seus palpites: “Não deve ligar para sonhos.” “Vai ser pastor de ovelhas”. E sua mãe, mais conhecida de almas que de sonhos, dava o veredicto final: “Quem sabe se um dia não será sacerdote.” O caminho estava indicado. Árduo. Trabalhoso. Muito mais para espinhos que para rosas. Uma Itália que se agita em convulsões sociais. Uma Europa exausta e semeada de ruínas. Os órfãos da liberdade gritavam agora por paz. E João, apaixonado pelos livros, vai devorando livros emprestados à sombra de árvores amigas. Um dia lhe perguntaram:– Para que ler tanto assim? – Quero ser padre. E quanto lhe custou a via sacra pelas veredas sofridas da vocação. E como religioso há de ter como lema uma frase bíblica – “Dai-me almas, o mais não interessa.” E aos 15 anos, sem professor,

sem dinheiro, sem mais perspectivas para o futuro João Bosco chorava copiosamente: Sentia-se só ... terrivelmente só.

Uma chance se lhe abre. Almoço na marmita, quilômetros a pé, caminha estradas pantanosas, ora sob o sol inclemente, ora sob impiedosa chuva, rumo à escola pública de Castelnuevo. Mas caminha feliz.

O homem que já se projeta no futuro, através de visões, sabe que aquela é também a escola da vida. Seu primeiro "hobby" a música. E mal poderia imaginar que do dedilhar das cordas tivesse de manejar o martelo e a lima e a forja para poder sobreviver. Mas foram esses instrumentos simples de trabalho que o levariam, anos mais tarde, a abrir oficinas para os jovens pobres da periferia de Turim. Mas era também preciso prosseguir os estudos. Mas de que jeito?

Novamente o menino que um dia ganhara tostões inventando jogos, arrisca-se galgar um pau-de-sebo muito alto, numa festa do padroeiro da aldeia de Montafia, cujo prêmio era uma bolsa com 20 liras. Uma pequenina fortuna para a época. E por mercê de Deus, ei-lo vencedor.

Dotado de uma memória prodigiosa retinha tudo o que aprendia e jamais esquecia os sonhos que, vez ou outra, o visitavam alguns verdadeiramente proféticos. Humilde e simples haveria de dizer um dia: "Sempre precisei de todos." E sobretudo de Nossa Senhora Auxiliadora, a quem invocava constantemente: "Maria, sede minha salvação." Daí as centenas de oratórias que criou para que os homens estivessem mais próximos de Deus.

Mas são os jovens necessitados, desempregados, a sua grande preocupação. Se a Revolução Industrial trazia o progresso, continha também em seu bojo uma ameaça para as crianças e juventude. Exploração do braço jovem com horas intermináveis de trabalho e um salário reduzidíssimo para as suas mais ínfimas necessidades. E o seu trabalho em prol dos desassistidos há de se perpetuar em sua obras, como pároco de almas e de homens, numa caminhada que lhe trouxe muita luz sem esquecer as ingratidões que lhe foram permeando os atalhos, na luta que há de ser sempre feroz entre oprimidos e opressores. E a própria Igreja não se lhe escapou nas marcas profundas que lhe deixou cravadas, pela intolerância de alguns clérigos, que muito longe estavam de alguns santos sacerdotes com quem conviveu, entre eles Domingos Sávio.

Quando morreu, muito pouco se sabia de sua existência ainda em seus verdes anos, mas suas memórias, as quais ele pediu que nunca fossem publicadas, nem antes e nem depois de sua morte, vieram à tona, mostrando o homem novo da Igreja, que despido da vaidade e de outros interesses, concentra nos jovens, sobretudo os mais pobres, todo o seu potencial de amor e de cristão preocupado com os destinos do humano ser. Devem-lhe muito os Colégios Salesianos, as Congregações das Filhas de Maria Auxiliadora, por haver criado esse mensageiro da esperança, espaços onde se abrigam, até hoje, corações que trazem dentro de si, o gérmen da fé em Cristo, a semente a se esparzir sempre no solo fértil de fazer, de cada criatura, um crente à altura do seu Criador.

Que Dom Bosco seja para nós todos, que vivemos a síndrome do medo e da desesperança, uma luz no fundo do túnel, transformando a sociedade da qual fazemos parte em um mundo novo, onde o respeito pelo outro, a crença num ser superior, o direito à Educação, à Saúde, sejam realmente o centro das atenções de todos aqueles que lutam por um mundo melhor, onde a paz, mais que a liberdade, seja o sonho de cada ser vivente.